

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

EU ACREDITO NO POTENCIAL HUMANO

Ângela Ravazzolo

Boletim Gaúcho de Geografia, 27: 11-13, dez., 2001.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38419/24690>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - dez., 2001.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

"EU ACREDITO NO POTENCIAL HUMANO"*

Ângela Ravazzolo

Hoje, às 18h. um típico baiano, sem pressa e de fala mansa, vai propor uma discussão urgente: a elaboração de um novo processo de globalização. O geógrafo Milton Almeida dos Santos, professor titular de Geografia Humana da Universidade de São Paulo (USP), participa hoje da aula inaugural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e recebe o título de Doutor Honoris Causa. O público que comparecer ao encontro no Salão de Atos da Reitoria da UFRGS vai ouvir um especialista internacional que ainda acredita nas utopias e no potencial humano. ganhador em 1994 do prêmio francês Vautrin Lud, o equivalente ao Nobel na área da Geografia, Santos sugere, nesta entrevista a Zero Hora, concedida por telefone ontem de manhã de sua casa, em São Paulo, uma revolução na forma de encarar a sociedade moderna.

Zero Hora - As grandes cidades se tornam um tormento, com problemas de trânsito, de violência e habitacionais. Como reverter este quadro em metrópoles que não se planejaram para o futuro?

Milton Almeida dos Santos - A questão da cidade continua a ser tratada a partir de lugares-comuns. Por exemplo, as mazelas urbanas. Acabamos por ter olhos apenas para elas. As cidades têm, de um lado, uma enorme quantidade de coisas boas que não são apontadas pela mídia e raramente são focalizadas pelas universidades. As populações carentes têm encontrado soluções extraordinárias, que mereciam tanto espalhamento quanto se dá ao crime e à desordem. Temos que ver a cidade no seu conjunto - ela é um conjunto de objetos e de homens, vivendo o drama da espécie humana.

ZH - Como então os problemas devem ser trabalhados?

Santos - Analisando todo o conjunto, mas devemos ter soluções específicas para cada cidade.

* ZH Quarta-feira 10/04/1996 Página 42 Assunto: Entrevista com Milton Almeida dos Santos.

ZH - O senhor já disse que não acredita na idéia de "mundo inteiro" e na globalização econômica. Por quê?

Santos - Há duas globalizações. A que está sendo feita hoje é perversa. A outra é aquela que podemos fazer se a gente tomar juízo.

ZH - Por que perversa?

Santos - Ela desmancha as coesões, acaba com o emprego, aumenta a pobreza, amplia a insensibilidade dos homens em relação aos outros. Tudo vira pragmatismo. Os homens são tratados como se fossem coisas e isso não é bom. O Brasil é o melhor exemplo disso. A pobreza aqui passou a ser vista como algo natural. Antes a gente discutia a pobreza, escrevia sobre o assunto. Hoje temos uma naturalização da pobreza e um conformismo. O desemprego é tido como normal porque estamos nos abrindo ao resto do mundo, globalizado. As discussões sobre as mudanças na Previdência, por exemplo, são muito pobres, incluindo alguns setores da esquerda.

ZH - Por que pobre?

*Santos - Eles estão discutindo nos termos da globalização e não nos termos da dignidade do homem, da aquisição histórica, da solidariedade que nós devemos um ao outro. O orçamento está sendo colocado acima da Nação. Em nenhum outro país a discussão seria aceitável com esse cinismo que estamos discutindo. No meu livro *O Espaço do Cidadão*, eu mostro que o centro da vida social e urbana na Europa e mesmo nos Estados Unidos, até certo ponto, é ainda a existência de uma forte cidadania, que nós nunca tivemos.*

ZH - Mas hoje se diz que o brasileiro está aprendendo a requerer os seus direitos, especialmente em relação ao código do consumidor.

Santos - Isso são coisas, não é direito. Os direitos do consumidor não são direitos do homem. É a corrida atrás das coisas, que atrasa a busca da cidadania. Acho que o central é a questão dos valores.

ZH - Qual a posição dos geógrafos na busca pela cidadania?

Santos - Os políticos não gostam dos pensadores. Os políticos querem ter os pensadores para enfeitar uma solenidade, mas não realmente para discutir. Mas a universidade não tem nada a ver com isso. A universidade, ao invés de trabalhar o sistema da moda, sugerido pela globalização e pela mídia, pode fazer um trabalho sério, que pode ser colocado em prática.

ZH - As universidades são acusadas de estarem isoladas da sociedade.

Santos - Isso é uma bobagem. A universidade tem que estar como está.

Por que os sindicatos, os partidos e as administrações não buscam informações? Essa acusação de isolamento não tem cabimento. Ou você pesquisa ou faz relações públicas, e esse não é o papel do pesquisador.

ZH - Hoje há sobra de vagas nas faculdades de geografia. Como a profissão pode se recuperar dessa crise?

Santos - A geografia tem dificuldade para atingir o mercado. É difícil pedir a um geógrafo para ele fazer um estudo em uma empresa. A atividade científica de prestígio hoje é aquela que está completamente entregue ao mercado. A globalização por um lado valoriza o território e por outro desvaloriza a ciência do território porque ela quer lucro, quer resultados imediatos.

ZH - Por que a geografia não se adaptou a essa realidade?

Santos - Porque ela trabalha com o conjunto de todas as realizações humanas no planeta. Ela não pode ver um pedacinho, ela vê tudo. E aí ela não pode privilegiar uma fatia do mercado. A geografia deve apontar um futuro melhor.

ZH - Como seria essa outra globalização que o senhor propõe?

Santos - O que o homem já descobriu é mais do que suficiente para acabar com a fome, reduzir a mortalidade. Isso não foi obtido porque as conquistas científicas e os avanços técnicos estão sendo utilizados para servir a um número pequeno de atores. O computador, por exemplo, pode vir a ser um instrumento de libertação, mas não está sendo. A máquina comanda o homem, o computador não faz nada sem o comando do homem. Temos que utilizar os recursos da técnica sob uma nova filosofia política, cujo centro seja o homem. O homem deixou de ser o centro do mundo. O dinheiro é o centro de tudo.

ZH - O senhor pode ser taxado de dizer coisas utópicas e que não podem ser colocadas em prática na nossa sociedade?

Santos - Eu quero ser utópico mesmo, é o meu trabalho. Dizer que a utopia não pode ser realizada é uma bobagem, porque é negar o homem. O que distingue o homem dos outros bichos é o projeto. Eu acredito no potencial humano. Não se faz nada sem um projeto. Se não houver utopia, não é homem. Vamos viver para que não tenhamos utopia?